

8.00.00.00-2 LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES  
8.02.00.00-1 LETRAS

## **GÊNEROS TEXTUAIS E EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO MÉDIO**

ANA LÚCIA FERREIRA ALVES

Curso de Letras – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes

ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ EVERALDO NOGUEIRA JÚNIOR

Departamento de Português – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes

**RESUMO:** A pesquisa de Iniciação Científica que este artigo visa socializar consiste em uma proposta de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa baseada em sequências didáticas sobre a produção de gêneros textuais, dentro dos preceitos da Educação Linguística. O objeto de estudo foi a produção textual de alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública de São Paulo. Os métodos para obtenção de resultados se deram por realização de aulas ligadas aos gêneros abordados, pelo acompanhamento da produção textual dos alunos e pela comparação das práticas utilizadas a teorias já existentes. Os resultados são constatados a partir da análise das produções obtidas, as quais mostraram evoluções significativas no tocante à qualidade de escrita dos alunos.

Palavras-chave: Educação Linguística, Gênero textual, Sequências didáticas.

### **Introdução**

O texto a seguir refere-se a uma pesquisa de Iniciação Científica que teve início em março de 2010. A pesquisa partiu da reflexão sobre um possível trabalho em Língua Portuguesa com alunos do terceiro ano do Ensino Médio da rede estadual de São Paulo por meio do ensino-aprendizagem de gêneros textuais, para que, assim, esses alunos pudessem alcançar uma evolução considerável em seus domínios linguísticos escritos e orais, o que, por sua vez, poderia vir a ocasionar resultados positivos em suas vidas cotidianas, profissionais e acadêmicas, partindo do pressuposto de que língua e linguagem permeiam todas as esferas comunicativas do homem.

O objeto de estudo foi a produção textual dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública de São Paulo, escolhida em detrimento das instituições de caráter privado pelos problemas financeiros, sociais e gestores que permeiam as escolas públicas do país. Os métodos para obtenção dos resultados ao longo da pesquisa se deram por realização de aulas ligadas especificamente à

produção de gêneros textuais, pelo acompanhamento de tais produções e pela comparação das práticas utilizadas em sala com teorias já existentes.

O projeto apresentado para tal pesquisa teve como ponto de partida o quadro de baixo aproveitamento dos alunos do Ensino Médio em Língua Portuguesa e a necessidade de uma melhoria na formação de sujeitos que dominem sua língua e saibam adaptá-la às diversas situações de interação exigidas pela sociedade. O questionamento motivador da pesquisa reflete sobre como devem ser sequências didáticas de Língua Portuguesa que contemplem os gêneros textuais como ferramenta para tal desenvolvimento linguístico, em competências orais ou escritas.

Para a consolidação da pesquisa, foram utilizados, dentre diversos outros, dois autores principais como fundamentação teórica essencial: Bakhtin, com seus estudos sobre a linguagem e os gêneros do discurso; e Marcuschi, a partir de suas análises sobre os gêneros textuais.

Os resultados da pesquisa são constatados a partir da análise das produções obtidas durante e ao final do processo, as quais mostraram evoluções significativas no que diz respeito à qualidade de escrita dos alunos e adequação ao gênero textual proposto. Tais resultados podem ser conferidos em publicação na biblioteca virtual da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Os tópicos a seguir explanam brevemente as questões teóricas que permearam a pesquisa aqui apresentada e sua aplicação, bem como os resultados obtidos e demais considerações.

## **Discurso e gênero**

É pertinente a análise de Marcuschi, quando, ao iniciar suas considerações sobre a definição de gênero textual, diferencia gênero de *tipo textual*. Segundo ele, usamos a expressão *tipo textual* para designar “uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição” (2005b: 22). É o que podemos categorizar como narração, descrição, argumentação, exposição, injunção, e que costuma ser ensinado nas escolas e nos famosos cursinhos pré-vestibulares.

Antes de pormenorizarmos as especificidades dos gêneros textuais, é importante lembrar que Marcuschi os diferencia dos tipos textuais em especial pela afirmação de que estes são definidos por propriedades unicamente linguísticas, enquanto aqueles, por sua vez, constituem-se de propriedades sócio-comunicativas.

Assim sendo, enquanto os tipos textuais se dão em sequências linguísticas que atendem a um mesmo componente estrutural, os gêneros textuais, como assim nomeados, constituem-se em textos que expõem as manifestações verbais de nossa língua, provindos da necessidade presente em diferentes situações comunicativas (2005a: 20). Entende-se que o conteúdo presente nos gêneros se dá por discurso, pelo uso coletivo da língua. Uma vez que têm como “componente crucial” a linguagem, tais textos tornam-se “rotinas sociais” de nosso cotidiano.

Visto como o gênero textual se compreende, é necessário então voltarmos-nos às considerações essenciais de Bakhtin para com os gêneros do discurso.

Apresentados pela já tão conhecida definição de que gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (2003: 262), Bakhtin parte do pressuposto de que todas as esferas de atividade humanas estão ligadas ao uso da linguagem. É nessas esferas que os gêneros se constituem e constituem-se também suas condições de produção, seu conteúdo temático, sua forma composicional e seu estilo.

Sendo a linguagem uma vasta soma de enunciados que, como unidade real da comunicação, operam de forma individualizada, revelada pelo sujeito enunciativo, e ao mesmo tempo retórica, pois fazem parte de um processo dialógico e exprimem uma atitude responsiva, chega-se à compreensão de que tais enunciados partem de um projeto comunicativo, baseado em questões semânticas e objetivas, e que a escolha de qual gênero do discurso, isto é, qual “tipo relativamente estável de enunciado” será utilizado, anteriormente ao discurso em si, faz do gênero fator determinante para que haja linguagem e para que haja interação na comunicação e nas relações humanas e sociais.

Retornando a Marcuschi (2008: 147), percebemos que desde os tempos de Platão e Aristóteles já se falava em gêneros, porém ainda não definidos da forma como conhecemos hoje. O caráter multidisciplinar que tal assunto vem atingindo torna o acervo de seu estudo cada vez mais amplo e abrangente. E esse estudo, por sua vez, torna-se uma das características que exprime o funcionamento da sociedade, pois toma o gênero como uma forma de expressão cultural e cognitiva, realizada por meio da linguagem. Como defende o autor, “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (2008: 154). Isso porque o gênero textual não deve ser visto apenas como uma ferramenta de

transporte daquilo que queremos comunicar. Uma vez que, apesar de híbridos, os gêneros encontram-se situados em contextos distintos e transitam por suportes diferentes, tornam-se, de certa forma, regrados com o passar do tempo, acabando por conduzir certa carga de valores e até servir ao controle social e ao exercício do poder.

Nessa perspectiva de ensino-aprendizagem dos gêneros textuais, apresentam-se abaixo algumas considerações necessárias.

### **O ensino dos gêneros textuais**

Dando sequência a suas reflexões sobre os gêneros textuais, agora, porém, com enfoque centrado em seu aspecto educacional, Marcuschi (2008: 206) fará referência aos apontamentos apresentados pelos PCNs – que, do ponto de vista do autor, o fazem de forma correta, porém vaga – e ao estudo de Dolz e Schneuwly (2004), que, por sua vez, tratam mais especificamente do trabalho com gêneros em sequências didáticas, objeto de estudo de nossa pesquisa. Seguindo o exemplo de Marcuschi, faremos uso desses textos como ponto de partida para uma breve análise sobre o ensino dos gêneros textuais.

Tendo em foco a etapa destinada à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio não tratam especificamente do trabalho com gêneros, mas do ensino de Língua Portuguesa como um todo, o que engloba tanto questões de produção textual, como questões gramaticais, ortográficas e até de literatura. No entanto, os PCNs partem da importância da comunicação e do saber linguístico como base para as ações sociais dos educandos. Uma vez que é a comunicação “um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente, usando a língua como instrumento que o define como pessoa entre pessoas” (2000: 17), vemos que o conceito essencial de ensino de Língua Portuguesa - porém nem sempre praticado - jamais estará desconexo das questões dialógicas e sociais que cercam a produção de textos, seja de forma oral ou escrita, levando em conta que, como dito nos próprios PCNs “o aluno deve ser visto como produtor de textos”, e sendo o termo “texto” visto aqui como apresentado por Marcuschi, ou seja, como tudo aquilo que é produzido pela linguagem e apresentando-se como sua unidade básica.

Devemos ter em mente que, quando nos referimos a textos, referimo-nos a uma linguagem verbal de caráter sócio-interacionista, que dá razão de ser ao ensino de Língua Portuguesa, pois é a língua que permite a experiência do ser humano na vida social. Como dito nos PCNs, “a linguagem é constructo e construtora do social e gera a sociabilidade” (2000: 20). Sendo assim, essa linguagem verbal é dialógica e, como já defendia Bakhtin, só pode ser analisada em seu uso, em suas esferas comunicativas, pois é provida de uma diversidade de vozes, originada do ato interlocutivo.

Como não poderia deixar de ser, são esses aspectos que embasam e levam os Parâmetros a apresentar, como uma das habilidades ou competências mais importantes a serem ensinadas dentro da área de Língua Portuguesa, a análise dos recursos expressivos da linguagem verbal, tendo como processo de tal análise, a relação de textos e contextos, sua natureza, função, organização, estrutura, e mediante suas condições de produção, característica básica do estudo de gêneros, e que é possibilitada por meio das atividades de leitura e produção textual.

Pensando na execução dessas atividades, Dolz e Schneuwly oferecem uma vasta abordagem sobre a constituição de sequências didáticas que trabalhem os gêneros textuais dentro de uma perspectiva linguística de ensino de Língua Portuguesa. Segundo os autores, sequências didáticas são “conjuntos de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (2004: 97). Levando em conta a função de uma sequência didática, essa deve ter, segundo os autores e em caráter micro, o objetivo de auxiliar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, tendo esse domínio, em caráter macro, o intuito de levar esse aluno a fazer uso de sua língua de forma mais adequada em diferentes situações de comunicação.

Dolz e Schneuwly propõem a elaboração de um currículo a partir de agrupamentos, ou seja, sequências didáticas que contemplem os gêneros. Utilizando-nos dos estudos organizados por Rojo (2001), percebemos que, no entanto, é inviável a contemplação de todos os gêneros em um único plano pedagógico, vista sua abrangência, sendo necessária a priorização de determinados gêneros a serem abordados. É claro que tal priorização não deve se complexificar ao ponto de fugir à relação com o cotidiano do aluno, do contrário jamais fará sentido para ele, mas deve estar baseada na formação de indivíduos com competência linguística suficiente para atuar nas supracitadas diversas situações

comunicativas, conforme descrito nos PCNs. Sendo assim, a escolha dos gêneros a serem trabalhados em um ensino de Língua Portuguesa voltado para a produção textual deve estar calcada naqueles gêneros cujo domínio é necessário para o bom desempenho escolar e para a plena participação na vida social pública, atendendo assim ambas as necessidades do aluno em fase de formação e tendo em vista que seu sucesso linguístico-discursivo nas diferentes esferas sociais estará ligado diretamente à compreensão e ao domínio dos gêneros que nela circulam.

Essa interação essencial que deve haver entre o conteúdo ensinado em sala de aula, seja em atividades de produção textual ou em qualquer outro aspecto do ensino de Língua Portuguesa, com o mundo em torno do aluno, seu cotidiano e suas relações sociais, leva em conta que, como visto em Pereira (2008), o estudo da língua materna deve ser tido como um trabalho sobre a linguagem que, por sua vez, leva a conhecimentos e competências da língua, considerando o contexto social e histórico na sua relação com os sujeitos. Assim sendo, devemos enxergar a linguagem como algo não isolado, mas vinculado a um conjunto aberto e múltiplo de práticas sociointeracionais desenvolvidas por sujeitos historicamente situados. Em outras palavras e como afirma o autor, “a aula de português tem de dar sempre o recado de que o objeto de ensino é o trabalho sobre a linguagem e de que a aprendizagem se traduz por novas formas de participação no mundo social” (2008: 198).

Como então priorizar determinados gêneros em detrimento de outros e valorizar o desenvolvimento de certas habilidades linguísticas? A resposta deverá levar em conta o público em questão e os objetivos a serem alcançados. Dentro das habilidades a serem trabalhadas e possivelmente adquiridas em um trabalho com os gêneros textuais, podemos citar a sumarização, obtida com gêneros como resumo e resenha, calcada em atividades presentes em bibliografia já existente, como em Machado (2004); outros gêneros que contemplem as habilidades tipológico-textuais, como a descrição e a narração, presentes em contos e crônicas; e, acima de tudo, a argumentação, tendo em vista os desafios que o aluno enfrentará em sua vida profissional e acadêmica, podendo ser trabalhado com o estudo e produção de artigos de opinião, defendido e esmiuçado por Rodrigues na obra de Rojo (2001).

Por fim, é necessário lembrar que a escolha dos gêneros a serem trabalhados deve considerar também quais conhecimentos deseja-se ativar no aluno, como mostrado em Koch e Elias (2009), tendo em vista os conhecimentos linguístico,

enciclopédico - de mundo -, textual e interacional, e a possibilidade prevista no ensino de gêneros textuais de contemplar tais conhecimentos, de forma a corroborar o desenvolvimento da comunicação. Ou, como dito pelas autoras, retornando a Dolz e Schneuwly, “o gênero é o meio de articulação entre as práticas sociais e os objetivos escolares” (2009: 62).

### **A eleição dos gêneros para pesquisa**

Quando do momento de projeção de nossa pesquisa, foram levantados os critérios de escolha dos gêneros textuais a serem aplicados. O objetivo inicial era de que cada um desenvolvesse uma determinada competência linguística, voltada principalmente – mas não só, como já visto – para a escrita. Afinal, como propõe a Educação Linguística, “ser um usuário linguístico competente implica conhecerem-se aspectos da comunicação que transcendem os estreitos limites das estruturas linguísticas” (PALMA, 2008: 225). O estudo e produção do primeiro deles, por exemplo, o resumo, auxilia na aquisição de um poder de síntese e procura provocar nos alunos uma leitura crítica, uma vez que é necessário dominar algum recurso de seleção e priorização na hora de transpor informações de um texto a outro sem, contudo, permitir a intromissão da parcialidade, da opinião própria.

Assim, o trabalho com o gênero resumo mostra-se como um trabalho extremamente regrado, pois, se o compararmos a outros gêneros, em termos de flexibilidade e plasticidade em sua composição (BAKHTIN, 2003), vemos que há outros textos em que a liberdade de criação se faz muito mais presente. Dentre eles, a crônica. E para tal foi escolhida para a pesquisa. Um gênero que, apesar de exigir muito mais da criatividade dos alunos, se mostra mais flexível no tocante à forma composicional e mesmo ao conteúdo temático. E, além disso, desenvolve outras competências necessárias para a escrita de textos diversos, pois se encontra presente dentro de uma tipologia narrativa, desenvolvendo ainda, conjuntamente, habilidades descritivas.

Por fim, levando em conta principalmente o fato de que a essa etapa do trabalho os alunos estariam prestes a realizar as provas de vestibulares e outros exames afins, elegeu-se o artigo de opinião como gênero último a ser exercitado, pela necessidade em desenvolver nos alunos, além do uso da voz dissertativa, sua competência argumentativa, como, supracitadamente, exigida nas redações dos

exames mencionados, e que, usada com discernimento, não só em situações escritas, mas orais, e não só em situações acadêmicas, mas profissionais e pessoais, garante credibilidade ao autor ou enunciador.

### **Metodologia, aplicação da pesquisa e resultados**

Para a realização da pesquisa, foi de suma importância estudar as concepções sobre gêneros textuais apresentadas por Bakhtin e Marcuschi, além das considerações sobre o trabalho com gêneros, apresentadas por autores como Roxane Rojo, Ingedore Koch, entre outros. Criar sequências didáticas que contemplem o trabalho com gêneros exige, antes de tudo, uma plena compreensão do que se denomina gênero, de sua influência em nossa comunicação oral e escrita, dos benefícios que um trabalho em Língua Portuguesa permeado dos gêneros textuais pode proporcionar para o domínio da língua e de seu uso por parte dos estudantes e de que forma cada gênero específico pode ser aplicado em sala de aula.

Entre as dificuldades encontradas para a aplicação do projeto, é possível citar diversas presentes na parte prática da pesquisa. Como as aulas para construção e aplicação das sequências didáticas pretendidas se deram em escola pública da rede estadual de São Paulo, podemos apresentar como primeira dificuldade a formação do grupo de alunos para a realização de tais aulas. A dificuldade inicial em conseguir contato com a escola, de apresentar o projeto para diretores, coordenadores e professores, de apresentar o projeto para alunos e conseguir a participação desses, de estipular horários para a realização das aulas que atendessem à necessidade da maioria, sem prejudicar horários de estudo e trabalho, e de conseguir a efetiva frequência desses alunos às aulas foram conflitos a serem enfrentados logo nas primeiras semanas de aplicação da pesquisa.

Para superar tais dificuldades, foram utilizadas estratégias diversas perante a direção da escola e seus alunos. Primeiramente, um constante contato com a escola para possibilitar a apresentação do projeto. No que se refere à aceitação do projeto após apresentado, não houve dificuldades ou posicionamentos contrários. Em seguida, para obtenção de quórum nas aulas, foram feitas apresentações em sala nos horários matutino e noturno, realizado procedimento de inscrições por meio de formulários e aplicada pesquisa dos horários mais viáveis para os alunos. Não

podemos nos esquecer, é claro, de que, pelo fato de os alunos não possuírem maiores vínculos contratuais ou de responsabilidade escolar com as aulas em questão, faz-se necessária uma constante manutenção dessas para a permanência de tais alunos, garantindo sua frequência e realização das atividades propostas.

Com prazo estipulado para inscrição dos alunos interessados, deu-se início às aulas na terceira semana de março de 2010. O grupo formado ao final das inscrições era pequeno, em torno de três a seis alunos – vista variação ao longo dos meses - porém de grande participação no que diz respeito à frequência às aulas e cumprimento das tarefas propostas.

Durante as primeiras aulas, foram realizadas atividades diversas, ainda sem focalização em um gênero textual específico, pois o intuito de tais atividades era justamente familiarizar o aluno com a rotina de escrita semanal de textos propostos e com a presente variação de estruturas, conteúdos e linguagem, de acordo com o gênero a ser trabalhado, suas condições de produção, função, circulação, objetivos e possível público leitor. Nesse momento, foi possível coletar os textos produzidos pelos alunos ainda sem influência das atividades do projeto e partir de suas possíveis deficiências para então determinar as atividades seguintes.

Após dois meses de intervenção, deu-se a realização das atividades condizentes com o primeiro gênero eleito, resumo, partindo para crônica e, finalmente, para o gênero artigo de opinião.

Ao longo da pesquisa, foi fundamental dar maior ênfase à leitura de estudos específicos sobre os dois gêneros trabalhados durante o segundo semestre, isto é, a crônica e o artigo de opinião e, por conseguinte, tais leituras embasaram as aulas dadas ao grupo de alunos. Em tal âmbito, algumas dificuldades foram encontradas – como já era de se esperar, visto que é no momento de transformação da teoria em prática que a realidade se faz presente e nos mostra que a docência não é um ofício simples, mas ainda valoroso. A primeira delas refere-se ao ensino da crônica. Unanimemente, os alunos desconheciam tal gênero, a não ser por terminologia. Várias leituras, seguidas de discussões acerca do tema, foram então realizadas na tentativa de criar uma maior familiaridade com o gênero. Mais à frente, quando do momento de produção, percebeu-se uma dificuldade em caracterizar a forma composicional do gênero, ou seja, construir sua narrativa, tanto por parte da professora em transmitir esse conhecimento, quanto dos alunos em assimilar tais conceitos, diferenciando assim a crônica de outros gêneros tidos como “similares”,

dentre eles, por exemplo, o conto. Dificuldade plenamente aceitável, uma vez que a própria definição de crônica já é complexa por ser essa tida como um “gênero menor”, segundo Cândido (1992: 13). Assim, pode-se dizer que esse processo de aprendizagem se deu para todos presentes em sala de aula: para os alunos, bem como para a professora-pesquisadora.

Para contornar essa dificuldade, os alunos foram convidados a pesquisar crônicas publicadas, principalmente, em jornais e, em sala, compará-las a outros gêneros. Aos poucos, as condições de produção da crônica foram tomando forma e puderam ser colocadas em prática.

No que diz respeito ao último gênero, o artigo de opinião, os problemas enfrentados foram mais práticos que pedagógicos, se assim se pode dizer. O momento de aplicação de tais aulas permeou os meses de outubro e novembro de 2010, conturbados pela situação política em que o país se encontrava devido à eleição presidencial. Aulas tiveram de ser canceladas por conta da utilização do espaço, pertencente à escola estadual desses estudantes, para cumprir com o calendário político da época. Além disso, os alunos também se encontravam prestes a realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) com o intuito de concorrer às bolsas de estudo universitárias disponibilizadas por esse exame. Assim – e apesar de o gênero artigo de opinião ser de grande valia para o estudo das redações contidas em exames como o ENEM e vestibulares, uma vez que tanto o artigo como tais redações exigem uma voz dissertativa e um grande caráter argumentativo – alguns momentos das aulas foram desviados com o objetivo de sanar eventuais dúvidas dos alunos para a prova que se aproximava, mesmo não sendo de responsabilidade desta pesquisa, mas contribuindo assim de forma positiva para com a realidade em que esses jovens se encontravam e sem deixar de lado, é claro, os estudos em Língua Portuguesa. Dessa forma, os módulos previstos para o trabalho com esse gênero foram consolidados, porém deixando sempre a convicção de que se poderia ter feito mais.

Posteriormente a isso, as duas últimas aulas do ano foram dedicadas à criação de um trabalho final em forma de coletânea de textos, da qual constavam as crônicas e os artigos finais produzidos pelos alunos. Como objetivo maior alcançado, a partir das teorias estudadas e das aulas aplicadas, foram consolidadas as três sequências didáticas pretendidas, para cada gênero textual estudado. As sequências estão disponíveis nos anexos do texto completo da pesquisa aqui

apresentada e que se encontra na biblioteca virtual da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

### **Considerações finais**

Este artigo buscou apresentar as atividades realizadas durante todo o período de pesquisa de Iniciação Científica e os conceitos firmados a partir das teorias estudadas dentro de um trabalho sobre Educação Linguística e sobre os gêneros textuais.

As obras estudadas, conforme bibliografia registrada a seguir, foram lidas, relidas e resenhadas de forma a fortalecer uma base teórica que permitisse a construção de sequências didáticas para a produção de gêneros textuais e, assim, a comprovação de tais teorias em um ambiente real de aprendizagem: em uma escola da rede estadual, com alunos do terceiro ano do Ensino Médio.

Com um olhar centrado nos objetivos que se pretendia alcançar, ou seja, fortalecer o domínio linguístico daqueles estudantes, formando usuários competentes em sua língua materna, buscou-se, ao comparar a teoria com as produções textuais obtidas durante o período desta pesquisa, encontrar tais objetivos alcançados. Não havia, obviamente, a pretensão de transformar esses jovens em escritores natos com apenas um ano de estudos. Não era esse o propósito inicial. Mas vistas as defasagens que, infelizmente, os alunos da rede pública sofrem no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa – e não só – qualquer melhoria já seria um grande avanço. E, felizmente, tal avanço pode ser percebido.

Assim, encerramos este artigo, e a pesquisa em si, com a grande satisfação, apesar do muito que sabemos ainda poder ser feito, de ter realizado todas as atividades previstas e de ter, também, podido contribuir, mesmo que singelamente, com a educação de uma pequena parcela dos jovens que ainda sentem os prejuízos de um sistema público de ensino que permanece insuficiente.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABREU, Antônio Suarez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê, 2006.

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, Jacqueline P. *Sequência didática: artigo de opinião*. São Paulo: SEESP, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.
- CÂNDIDO, Antônio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed Unicamp/Fund. Casa Rui Barbosa, 1992.
- FARGONI, Ana Maria de Souza Lima. *Manifestação da oralidade na escrita: um estudo da crônica*. Dissertação de mestrado, UNESP/Araraquara, 1995.
- KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. *Ler e escrever - Estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MACHADO, Anna Rachel. *Resumo*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Paraná: União da Vitória, 2005a.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A.(org.) *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005b.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Cortez, 2008.
- NOGUEIRA JUNIOR, J. Everaldo. Educação Linguística e Ensino de Oralidade. In: XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO IP/PUC-SP. São Paulo: IP/PUC-SP, 2008.
- PALMA, D.V.; TURAZZA, J.S.; NOGUEIRA JUNIOR, J.E. "Educação linguística e desafios na formação do professor". In *Língua Portuguesa – lusofonia – memória e diversidade cultural* (Neusa B. Bastos –org.). São Paulo: EDUC, 2008.
- PEREIRA, Nilton M. *Ler e Escrever – Compromisso no Ensino Médio*. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2008.
- ROJO, Roxane. *A prática de linguagem em sala de aula – praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC, 2001.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2008.
- SCHNEUWLY, B.; Dolz, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.